

ANTUNES, LUÍSA MARINHO. *AS MALÍCIAS DAS MULHERES. DISCURSOS SOBRE PODERES E ARTES DAS MULHERES NA CULTURA PORTUGUESA E EUROPEIA*. LISBOA, ESFERA DO CAOS, 2015

CECÍLIA BARREIRA*

Esta interessante obra refere o pensamento vigente sobre as mulheres, a partir da herança greco-latina – passando pela Idade Média – até aos inícios do século XX.

Desde tempos imemoriais que as mulheres são consideradas diabólicas, más por natureza e de inteligência curta. Além disso, têm um efeito perverso sobre os homens, que devem evitá-las o mais possível. Elas foram as bruxas da Inquisição; elas são as prostitutas e as maliciosas.

Ao longo dos séculos XIX e XX, assiste-se à publicação de obras de teor pseudo-científico, em que se refere a inferioridade feminina. A mulher era uma versão menos desenvolvida do homem, mais fria, pervertida socialmente. O corpo feminino estava ligado às doenças nervosas, às histerias, à irracionalidade. No século XIX, as mulheres sufragistas eram consideradas masculinas, o que se traduziria em duas aberrações da natureza: serem virago ou ninfomaníacas. O neurologista Lombroso destrata completamente as mulheres, clamando que não têm qualquer inclinação para as artes ou para as ciências. O próprio Nietzsche considerava que a emancipação da mulher poderia levar à degeneração.

O interesse do livro reside também na recuperação de textos

* Doutora em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Professora do CHAM – Universidade Nova de Lisboa.

antigos portugueses sobre a malícia das mulheres, a par com respostas e defesas das mulheres, bem como na inclusão de uma bibliografia de textos sobre tais malícias e enganos.

A recolha oferecida pela autora revela ser o sexo feminino sobretudo falador, enganador, infiel, falso e pecador. As mulheres eram vaidosas e gastadoras. Nem o Padre António Vieira se salvou das misoginias com os defeitos e pecados das mulheres. Veja-se, ainda, um excerto de Baltazar Dias:

Quando no Tejo houver
Água, e toda se secar,
Nem o mar peixes tiver.
Então faltará à mulher,
Malícia para enganar.

Eva enganou a Adam,
Crendo mundanos prazeres.
E por esta razão,
Quem se confia em mulheres,
Tem o engano na mão.
(Antunes, 2015, p. 164)

Como refere Luísa Antunes, os autores dos livros em torno das malícias das mulheres demoram-se demasiado nas observações sobre a traição e o engano femininos. A mulher servia-se muitas vezes da Ama para a prática da infidelidade, à semelhança do que ocorre no *Auto da Índia*, de Gil Vicente.

Mais um aspecto relacionado com a infidelidade: incapazes de refrearem os seus apetites sensuais, as mulheres não se importavam com a raça dos amantes, gostando mesmo muito de negros. “O melhor é tratar a mulher com açoite, agulhão, atafona, bordão, sopapo, murro, mordança, chicotada, estopa, soco, etc.” (Antunes, 2015, p. 114). O romantismo trouxe o motivo da *femme fatale*, isto é, do adultério feminino.

A ignorância e a formosura das mulheres eram uma tentação para os homens. A maldade é inerente à mulher. A comunidade das mulheres une-se para fazer troça dos maridos. No século XVIII, Frei Amador do Desengano disse:

As mulheres são falsas, são frageis, e são corruptiveis; e esta he a razão, porque são removidas de todo o emprego publico, ainda daqueles actos, em que o mais inerte homem he admitido.
(Antunes, 2015, pp. 111-112).

E na mesma altura, António Lobo de Carvalho escreveu o seguinte poema:

As mulheres, sem disputas,
Têm três diversas condutas:
As velhas são feiticeiras,
As outras alcoviteiras,
As raparigas são putas.
(Antunes, 2015, p. 115)

Dado que as mulheres eram muito palradoras nunca poderiam dar boas governantes. Mesmo num livro publicado, em 1953, por Aloyso de Castro, fala-se sobretudo da loquacidade feminina. Outros homens estudiosos referem a mulher gulosa e gastadora: sublinham os gastos com comida, com roupas e com maquilhagem. O Padre Manuel Bernardes dedica capítulos, na obra *Nova Floresta*, às “demasias do ornato feminino”. Haveria também um grande gosto pelo luxo, sendo que as mulheres eram vaidosas e curiosas. No século XIX, acerca dos gastos femininos, referia-se a impossibilidade do homem ser económico e poupado pois sendo o casamento a base da família, aí se deparava com um grande problema: a mulher vaidosa e altiva que queria gastar tudo em luxo e ostentação.

Em contrapartida, surgem, no século XVIII textos escritos por mulheres em defesa do sexo feminino e em oposição às injúrias de que elas eram objecto. Por exemplo, os textos de Paula da Graça de 1715. Paula da Graça pode mesmo ser considerada uma das primeiras feministas portuguesas.

Como nos diz Daniela Marcheschi, no prefácio a esta obra, Luísa Marinho Antunes, traz-nos à luz o conteúdo de textos misóginos, da Idade Média à atualidade, estando presentes, nos tempos mais recentes, autores como Schopenhauer, Nietzsche ou Freud. A autora, com o livro *As Malícias das Mulheres*,

recupera todo um discurso masculino preconceituoso para com o sexo feminino. Foram precisas as sufragistas do século XX e as conquistas dos anos 60/70, para que se alcançasse alguma igualdade entre géneros.

Para a História da Cultura e das Mentalidades, aqui fica uma obra de leitura obrigatória.